

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO NARRADOR A PARTIR DA SUA MEMÓRIA, EM DOIS IRMÃOS

THE CONSTRUCTION OF THE IDENTITY OF THE NARRATOR FROM HIS MEMORY, TWO BROTHERS

Carolina Ribeiro Pessanha*

Paula Lopes da Silva**

Resumo

O estudo apresenta apontamentos sobre a memória individual no romance *Dois irmãos*, de Milton Hatoum. Enredando temáticas como memórias, culturas, alteridade, transitoriedade e deslocamento os quais revisitam o passado para construir a narrativa do presente. O narrador constrói sua identidade a partir de fragmentos da vida familiar dos personagens. Para tal análise, é abordada uma pesquisa exploratória cujo procedimento é coleta de informações e levantamento bibliográfico.

Palavras-chave

Narrador. Memória. Identidade.

Abstract

The study provides insights into one's memory in the novel Two brothers, Milton Hatoum. Entangling themes such as memories, cultures, otherness, transience and dislocation which revisit the past to construct the narrative of this. The narrator builds his identity from fragments of the family life of the characters. For this analysis, we discuss an exploratory procedure is whose collection of information and literature.

Key words

Narrator. Memory. Identity.

Introdução

Nael, o narrador de *Dois Irmãos*, através de “retalhos do passado¹”, resgata a trajetória familiar a partir da memória como subsídio indispensável para construir a narrativa. Este resgate visa sua identidade que se encontra fragmentada e indefinida. O enredo está ancorado em um passado em parte vivido e presenciado pelo narrador e, ao mesmo tempo, rememorado por outros personagens que recontam histórias remotas. As narrativas trazem, através da memória, sensações

* Pós-graduanda em Literatura, Memória Cultural e Sociedade pelo Instituto Federal Fluminense.

** Pós-graduanda em Literatura, Memória Cultural e Sociedade pelo Instituto Federal Fluminense

¹ Expressão utilizada por CHIARELLI (2007) em seu ensaio intitulado *Na Biblioteca de Hatoum: Leituras e Mediações*.

e lembranças que se materializam em imagens. Esta dinâmica enquadra-se na proposição de Bergson (1999, p.163) ao afirmar que a “lembrança pura” consiste em “percepções” e “sensações” que se transformam em imagens, de modo que “o passado deixa o estado de lembrança pura e se confunde com uma certa parte do (meu) presente”. Nael se apropria de fragmentos de memórias e da hibridização de culturas como condição de reconhecimento de si e dos outros.

Durante semanas, Zana misturou o passado com o presente, as lembranças do pai e de Halim com a ausência do Caçula. “Meu pai...”, ela dizia, pondo as mãos na fotografia de Galib, lamentando a distância entre o Amazonas e o Líbano. Os gazais de Abbas, que costumava ler no quarto, agora ela recitava em voz alta, e essas palavras formavam um remanso em sua loucura. Mas a imagem do Caçula desaparecido a perseguia. (HATOUM, 2006, p. 181).

O objetivo que se estabelece é a construção da sua identidade a partir do outro e de suas lembranças. Deste modo, a narrativa de Nael se funda na incerteza e na indeterminação de sua identidade. O narrador constrói sua identidade a partir de contos e recontos dos outros, relatos soltos no ar. Isso faz com que ele viaje e imagine realmente quem seja a sua verdadeira origem.

As histórias se transformam de acordo com a descrição do narrador, ou seja, são postas em uma rede de resignificação. Ele colhe a evanescência da memória transitória e instável, esta que escapa pela consciência. Sendo assim, Nael narra o outro, ou seja, traz em seu discurso aspectos da alteridade. Esta característica aproxima-se do narrador contemporâneo que constrói sua identidade contraditória, inacabada e fragmentada. A necessidade do narrador em encontrar sua identidade, é a articulação de todo o enredo. Segundo Bosi (2003, p. 16), “(...) Do vínculo com o passado se extrai a força para a formação de identidade”.

Vale observar que o narrador é apresentado, na obra de Hatoum, como um personagem invisível, portanto é ele que constrói e reconstrói as lembranças familiares do patriarca Halim, estas que são jogadas na cidade de Manaus e muitas vezes são confundidas, desprendidas e esquecidas.

A visão do narrador é, portanto, marcada pela exterioridade, visto que, Nael reside nos limites do quintal da família libanesa. Entra na casa, trabalha na casa, mas, à noite, retoma o seu pequeno quarto que é distante de toda a família.

Por sua bastardia incerta, ele é marginalizado pelo resto da casa. Desse modo, assume o papel de testemunha ao narrar a “turbulenta trajetória afetiva de Yaqub e Omar, gêmeos nascidos em família de origem libanesa na cidade de Manaus”, conforme sugere Chiarelli (2007, p. 63). Esta estudiosa ainda acrescenta que

[...] Nael também é uma espécie de membro adotivo: bastardo, *curumim*, filho da empregada doméstica com um dos patrões. Desta forma, ambos os narradores², constituem um ponto de vista externo/ interno, dada a possibilidade de estranharem o ambiente familiar ao mesmo tempo em que são estranhados por ele. É desse olhar marginal e fronteiro que surge a possibilidade de reunir os restos da vida familiar. (2007, p. 63 e 64).

O artigo abrange discussões acerca da construção da identidade do narrador, que por sua vez, nunca desistiu de arrancar histórias sobre sua origem. Muitas dessas histórias contadas oralmente por Halim, Domingas (mãe de Nael), Zana (esposa de Halim), etc.

Neste segmento, a presente pesquisa estará fundamentada nas teorias que fomentam discussões sobre a memória e identidade. Deste modo, busca fundamentação teórica em Ecléa Bosi (2003), Maria Aparecida Baccega (1995) e Henri Bergson (1999) os quais sustentam a temática da memória em suas narrativas. Ainda, far-se-ão presentes conceitos do crítico jamaicano Stuart Hall (1999) e Stefania Chiarelli (2007) cujas vozes transitam nas temáticas abordadas.

A identidade formada por retalhos da memória

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada” (HALL, 1999, p.38).

Evidencia-se no romance *Dois irmãos* o engajamento com a questão da memória e da identidade cultural. Neste momento, é pertinente analisar o

² “Ambos os narradores” a autora refere-se aos narradores das obras de Milton Hatoum, respectivamente, *Relato de um certo Oriente* e *Dois Irmãos*.

perfil do narrador, Nael, à luz destas duas vertentes. Em primeiro lugar, entende-se a memória individual como “discurso histórico” que busca “compreender o passado como construtor do presente”, Baccega (1995, p. 66). Por conseguinte, serão abordados três aspectos que estão em evidência na narrativa. São eles: o pertencimento, a alteridade e busca identitária.

No que tange ao pertencimento, questiona-se: Até que ponto as lembranças narradas por seus familiares pertencem ao narrador?

Bosi fomenta discussões substanciais sobre “*Histórias de vida*” que lançam mão da memória como objeto de análise. É de suma importância pensar criticamente que, ao refletir nas experiências extraídas do passado, o sujeito deve considerar as interações que permeiam o ato da comunicação, cujo processo híbrido perpassa o passado e o presente para a construção do futuro.

A interação não esgota o alcance da comunicação. Caso contrário, nós nos comunicaríamos apenas com os contemporâneos o que seria uma grande perda. E há formas de comunicação insubstituíveis como a conversa espirituosa entre amigos [...]. Grande mérito dos depoimentos é a revelação do desnível assustador de experiência vivida nos seres que compartilharam a mesma época [...]. Podemos colher enorme quantidade de informações factuais mas o que importa é delas fazer emergir uma visão de mundo. BOSI (2003, p. 19).

Apropriando-se da expressão “visão de mundo” para aplicar tal teoria, em *Dois Irmãos*, o narrador busca o tempo todo se situar no eixo familiar que lhe pertença. Embora a família ignore o elo existente entre eles, Nael reconhece o vínculo a partir dos relatos e da própria convivência. Ao mesmo tempo, ele é tido como um serviçal da família, assim como sua mãe, cuja origem indígena foi adotada para fazer os serviços domésticos.

Nessa perspectiva, nota-se a marginalização do sujeito devido ao clima contingencial quanto à paternidade que permeia entre os gêmeos, Yaqub ou Omar, visto que ambos manifestam índoles diferentes. Portanto, esta afirmativa possibilita uma afinidade entre Nael e Yaqub, pois eles apresentam similaridades em relação a atitudes, ressentimentos e, sobretudo, as omissões perante a família.

Presenti que não veria mais Yaqub. Perguntei à minha mãe o que eles tinham conversado quando ele entrou no quarto dela.

O que havia entre os dois? Tive coragem de lhe perguntar se Yaqub era meu pai. Eu não suportava o Caçula, tudo o que via e sentia, tudo o que Halim havia me contado bastava para me fazer detestar o Omar [...]. HATOUM (2006, p. 152).

Opertencimento é reconhecido no perfil de Nael que busca incansavelmente, através das memórias lembradas e narradas, sua origem patriarcal. E é a partir da memória, que o narrador procura o sentido de sua existência e o seu pertencimento. Muitas dessas tentativas de dar sentido a sua existência são colhidas por memórias de Halim e que são recontadas pelo narrador. A narrativa oral está presente na maioria dos relatos. Estes, por sua vez, são suscetíveis a esquecimentos e omissões.

Retomando as temáticas da narrativa e da oralidade, Bosi (2003, p.45) aponta que:

Ambas se desenvolveram no tempo, falam no tempo e do tempo, recuperando na própria voz o fluxo circular que a memória abre do presente para o passado e deste para o presente. Eu diria que a expressão oral da memória de vida tem a ver mais com música do que com discurso escrito.

Dessa forma, Halim em sua memória oral, evoca o passado a fim de resgatar lembranças que vão alterando o tempo e o espaço do narrador.

Halim é acorrentado às lembranças do passado e ao sentir nostalgia de um mundo que era diferente, começa a contar a Nael fatos que o fazia feliz e que hoje não o faz mais. Vale lembrar P. Nora citada por Bosi (2003, p. 20) que ressalta a importância do passado para a construção do presente, “cuja percepção ‘é a apropriação veemente do que nós sabemos que não nos pertence mais’”. Ou seja, Halim conta um passado que não pertence à Nael. Entretanto, ao tomar conhecimento dos fatos, ele se apropria da informação para estabelecer seu presente.

Eu gostava de ouvir as histórias. Hoje, a voz me chega aos ouvidos como sons da memória ardente. Às vezes ele se distraía e falava em árabe. Eu sorria, fazendo-lhe um gesto de incompreensão: “É bonito, mas não sei o que o senhor está dizendo”. Ele dava um tapinha na testa, murmurava: “É a

velhice, a gente não escolhe a língua na velhice. Mas tu podes aprender umas palavrinhas, querido". [...] Mas era um demônio na cama e na rede. Ele me contou cenas de amor com maior naturalidade, a voz pastosa, pausada, a expressão libidinosa no rosto estriado, molhado de suor, molhado pelas lembranças das noites, tardes e manhãs em que os dois se enrolavam na rede, o leito preferido do amor, ali onde os poderes de Zana se desmanchavam em melopeia de gozo e riso. (HATOUM, 2006, p. 39 e 41).

Diante do vai e vem de lembranças e sensações vividas, o narrador tece relatos que evocam suas raízes e, sobretudo, sua posição diante de uma família desenraizada em consequência da hibridização das culturas, já que se trata de imigrantes libaneses que se instauram em Manaus, de modo que, o tempo faz da memória um recurso para manter as origens.

Quanto à alteridade, Nael se engendra na visão de terceiros e aproxima do outro a fim de compreender o mundo. A voz do narrador não é falada em primeiro plano, porque rememorar a história do outro é um ponto decisivo para edificar a sua identidade fragmentada. A escrita é um meio de interpretar a si mesmo, por isso Nael no silêncio de seu quatinho reinventa uma alteridade alheia.

Talvez por esquecimento, ele omitiu algumas cenas esquisitas, mas a memória inventa, mesmo quando quer ser fiel ao passado. Certa vez tentei fisgar-lhe uma lembrança: não recitava os versos do Abbas antes de namorar? [...]. Era um preâmbulo, e Zana se excitava com aquela voz grave, cheia de melodia [...]. Omissões, lacunas, esquecimento. O desejo de esquecer. Mas eu me lembro, sempre tive sede de lembranças, de um passado desconhecido, jogado sei lá em que praia de rio. (HATOUM, 2006, p.67)

Fica evidenciado, portanto, que as lembranças narradas são para Nael, o fio condutor para a constituição da identidade, pois através destes relatos ele constrói sua própria história.

Desta vez Halim parecia baqueado. Não bebeu, não queria falar. Contava esse e aquele caso, dos gêmeos, de sua vida, de

Zana, e eu juntava os cacos dispersos, tentando recompor a tela do passado. (HATOUM, 2006, p. 101).

Para tanto, vale ressaltar que se trata de personagens cujas identidades são fragmentadas e descentralizadas por sofrerem influências de outras culturas, cujo desenvolvimento acontece gradativamente e, contanto, há o entrecruzar de outras histórias, povos (italianos, índios, etc.). Nessa perspectiva, Hall sustenta que

as pessoas pertencentes a essas *culturas híbridas* têm sido obrigadas a renunciar ao sonho ou à ambição de redescobrir qualquer tipo de pureza cultural “perdida” ou de absolutismo étnico. (1999, p. 89)

De tal modo, Nael em sua busca identitária recolhe os restos de uma história familiar. Ele transitou mundos para saber qual era o mais acessível. E ao final, o narrador-personagem continua desconhecido, inominado por uma família degradada pelo tempo. Assim, o narrador escolhe um lugar para si, longe do lado sombrio de si mesmo.

Considerações finais

Entende-se, portanto, que é indissociável memória e identidade, haja vista, que Nael ouve sobre seu passado, e constrói a partir da memória uma imagem ou ainda, “sensação”, como propõe Bergson (1999, p.159). A recuperação da memória para o narrador é uma necessidade de enraizamento.

Dessa forma, o artigo propôs analisar um narrador contemporâneo arraigado de memórias a fim de ressignificar sua existência.

Eu tinha começado reunir, pela primeira vez, os escritos de Antenor Laval, e a anotar minhas conversas com Halim. Passei parte da tarde com as palavras do poeta do inédito e a voz do amante de Zana. E a de um para o outro, e essa alternância – o jogo de lembranças e esquecimentos – me dava prazer. (HATOUM, 2006, p.197)

Nael pela vivência e diálogos, percebe relatos de terceiros e assimila diferenças culturais. Assim, a memória, aliada à literatura, conforma-se como

uma resposta à autoindagações, a ocorrências pretéritas que influem no presente ficcional.

Referências

BACCEGA, Maria Aparecida. *Palavra e discurso. História e literatura*. São Paulo: Ática, 1995.

BERGSON, Henri. *Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Tradução de Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

DEALTRY, Giovanna; LEMOS, Masé; CHIARELLI, Stefania. Alguma Prosa: ensaios sobre a literatura brasileira contemporânea. In:_____. (Orgs.). *Na biblioteca de Hatoum: leituras e mediações*. Rio de Janeiro: 7letras, 2007.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP e A, 1999.

HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.